

FOT. VANDER LEE, GLO, CUPA CHACRA, SEE, JONATHAN PETERSON

GUGA CHACRA

Fotógrafo do *gugachaca* X pagachaca
informaçãodigital.com.br

Dinheiro garantido para guerras

Com o ensino público básico decadente, uma infraestrutura ultrapassada e sem um sistema de saúde público similar ao de nações avançadas, o governo de Joe Biden, com o apoio de quase todos os senadores democratas e a maioria dos republicanos, arrumou dinheiro e aprovou uma multibilionária ajuda militar a seus aliados Ucrânia, Israel e, em escala

muíto menor, Taiwan. O valor ultrapassa US\$ 90 bilhões, sendo 180 vezes maior do que o presidente prometeu para conter o desmatamento da Amazônia, mas não conseguiu aprovar. Isso mesmo, a preservação do meio ambiente vale uma fração ínfima do suporte dado a conflitos armados. É um fato.

Apenas para a Ucrânia, serão mais de US\$ 60 bilhões, que se somam a outros mais de US\$ 100 bilhões enviados para o governo de Volodymyr Zelensky ao longo de dois anos de guerra contra a Rússia. Verdade que, sem esse suporte, provavelmente o regime de Vladimir Putin teria mais avanços e talvez conseguido uma vitória total. Ao mesmo tempo, os ucranianos não têm sucesso em reconhecer áreas ocupadas pelos russos. Até quando os EUA sustentam a Ucrânia no que parece ser um conflito congelado? É o que perguntam membros da direita do Partido Republicano ligados a Donald Trump, que adotam postura mais crítica em relação a Kiev e preferem que o dinheiro do contribuinte seja gasto com a proteção das fronteiras americanas, e não das ucranianas.

O apoio militar a Israel será de cerca de US\$

20 bilhões, que se somam a outros cerca de US\$ 4 bilhões enviados ao país anualmente ao longo de décadas. Alguns ramos senadores como Bernie Sanders, independente de esquerda, criticam esse suporte em um momento em que as forças israelenses levam adiante uma feroz ação militar em Gaza, com mais de 34 mil mortos, sendo 14 mil menores, de acordo com a ONG Save the Children. A maior parte das edificações de Gaza foi destruída, incluindo a quase totalidade de hospitais e escolas. Nos próximos dias, o governo de Benjamin Netanyahu deve iniciar uma ofensiva em Rafah, para onde se deslocou a maior parte da população do território palestino depois da quase completa destruição da Cidade de Gaza. Outros militares devem morrer.

O governo Biden se defende com o argumento de que a ajuda focará na defesa de Israel contra ataques de grupos hostis como o Hamas e o Hezbollah e de ações do Irã. Os críticos, porém,

afirmam que Israel usa armamentos fornecidos pelos EUA para ataques com enorme número de vítimas civis em Gaza. Para completar, o novo pacote suspende a ajuda à agência de refugiados palestinos da ONU, a UNRWA. A suspensão ocorreu mesmo após uma investigação independente concluir que Israel não tinha provas de ligação da entidade com o Hamas — países como a Alemanha anunciaram que retornarão a ajuda à agência, que também opera em Líbano, Síria, Jordânia e Gaza.

Mesmo após fiascos no Iraque e no Afeganistão, a indústria bélica segue poderosa nos EUA. Enquanto isso, cidades como Nova York sofrem com metrô caindo aos pedaços e demissões de professores. Mesmo quatro décadas após a Europa começar a implementar trens de alta velocidade, os EUA ainda não conseguiram construir um ligando Washington a Nova York. Em São Francisco e Los Angeles, há acampamentos de pessoas vividas em condições não muito diferentes da Cracolândia em São Paulo. É claro, a ajuda humanitária para países pobres da África e da América Latina continua uma fração minúscula da enviada em armas a Ucrânia e Israel.

Aliados agradecem pacote de armas dos EUA

Presidente Biden sanciona projeto aprovado no Senado com ajuda somada de cerca de R\$ 490 bilhões a Ucrânia, Israel e Taiwan; primeiras remessas serão entregues a Kiev 'nas próximas horas' para fortalecer defesa do país contra a Rússia

Aliados dos EUA agradeceram aprovação do pacote de auxílio militar de cerca de US\$ 95 bilhões (R\$ 490 bilhões) no Senado americano, sancionado ontem pelo presidente Joe Biden, a ser enviado para Israel, Ucrânia e Taiwan. Biden prometeu começar os envios em breve.

O texto passou na Câmara no sábado, após um longo bloqueio liderado por parlamentares republicanos, maioria na Casa. Na terça, o Senado aprovou o projeto por 79 votos a 18, garantindo US\$ 60,8 bilhões (R\$ 313 bilhões) para a Ucrânia, US\$ 26,4 bilhões (R\$ 136 bilhões) para Israel e para a ajuda humanitária a civis em zonas de conflito, incluindo Gaza; e US\$ 8,1 bilhões (R\$ 41,5 bilhões) para Taiwan.

MOMENTO CRUCIAL

Biden afirmou que está "garantindo que os envios [a Kiev] comecem imediatamente", eo presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, disse que o plano "inclui exatamente o que foi discutido" entre os líderes. Anteriormente, ucranianos não havia mencionado que armas de longo alcance, sistemas de defesa antiaéreo e artilharia são "elementos essenciais para restaurar mais rapidamente a paz justa".

Para a Ucrânia, a aprovação chega em um momento crucial da guerra com a Rússia, no qual as forças do país sofrem com a falta de munição, equipamentos e até recrutas para continuar com seu esforço mi-

litar. Nas redes sociais, Zelensky afirmou que o essencial é que a ajuda chegue o quanto antes, mas a liberação do dinheiro não significa que os problemas de Kiev serão imediatamente resolvidos.

Segundo o Pentágono, um pacote inicial de US\$ 1 bilhão (R\$ 5,1 bilhões), poderia ser enviado logo após a sanção presidencial, com mísseis antiaéreos Stinger portáteis, munição de artilharia de 155 milímetros, mísseis guiados antitanque e veículos de combate. Havia dúvidas sobre os mísseis de longo alcance ATACMS, e ontem o Departamento de Estado revelou que os equipa-

mentos foram mandados para os ucranianos antes da aprovação do pacote, e já teriam sido usados para atingir alvos dentro do território russo.

KREMLIN REAGE

Embora Zelensky tenha dito que será enviado "exatamente" o que ele pediu, não está claro se os EUA enviarão mais um sistema de defesa aérea Patriot para a Ucrânia, item considerado essencial por Kiev.

Os equipamentos geralmente são retirados de ativos do Pentágono na Europa, e as autoridades reconhecem que há poucos itens disponíveis. Os ucranianos não têm tempo

para esperar, diante dos crescentes ataques russos e da aparente expansão da linha de frente rumo ao norte.

Quando conseguirmos [os armamentos], quando tivermos isso em nossos braços, então teremos a chance de tomar esta iniciativa e avançar para proteger a Ucrânia — disse Zelensky ao programa "Meet the Press" domingo. — Depende de quão cedo recebemos esta ajuda.

Em Israel, a aprovação do pacote no Senado americano foi comemorada mais pela mensagem do que propriamente pelo valor. O chanceler Israel Katz saudou a ajuda dos

EUA em um comunicado, referindo-se ao projeto como "um testemunho claro da força da aliança com os EUA".

Do total destinado à região, cerca de US\$ 15 bilhões (R\$ 77 bilhões) devem ser repassados ao país, priorizando capacidades defensivas. Mais de US\$ 5 bilhões (R\$ 25,7 bilhões) devem ser usados para reabastecer sistemas de defesa antiaérea e demais equipamentos.

Assistência a palestinos Ao sancionar a lei, Biden insistiu Israel a assegurar que a ajuda a palestinos "chegue sem demora" a Gaza; parte dos recursos autorizados deve ser repassada aos civis em forma de alimentos, suprimentos médicos e água potável.

Em Taiwan, país pressionado por uma presença cada vez mais ostensiva da China, o presidente recém-eleito Lai Ching-te — hostil à aproximação com Pequim — comemorou o pacote, e afirmou que a medida "fortalecerá a dissuasão contra o autoritarismo" e "salvaguardará a paz".

O pacote foi aprovado no momento em que Washington tenta calibrar o tom sobre a China. Tanto o líder chinês, Xi Jinping, quanto Biden admitiram que houve progresso no diálogo desde uma reunião bilateral em novembro. Contudo, em meio à corrida eleitoral americana, democratas e republicanos adotam postura cada vez mais combativa com relação a Pequim, abrindo margem a novas crises.

Com NYT e AFP



Ajuda bem-vinda. Soldados ucranianos disparam contra posições russas na região de Kharkiv; país precisa desesperadamente de armas para conter russos

UE e ONU pedem investigação independente sobre valas comuns

Corpos foram achados em hospitais de Gaza após saída das forças de Israel

GISELE DE SOUZA

A União Europeia e as Nações Unidas pediram, esta semana, uma investigação independente sobre as centenas de corpos encontrados em valas comuns em dois hospitais da Faixa de Gaza que foram alvos de incursões do Exército de Israel. Ontem, a Casa Branca,

também exigiu respostas do governo israelense, que é seu aliado. Segundo a UE, as informações iniciais dão a "impressão" de que "poderiam ter sido cometidas violações dos direitos humanos internacionais" no território palestino.

— É importante realizar uma investigação independente e garantir a prestação

de contas. Isso é algo em que a União Europeia é coerente, seja na Faixa de Gaza ou em qualquer outro lugar do mundo — disse Peter Stano, porta-voz do serviço diplomático do bloco, ontem.

O alto comissário da ONU para os Direitos Humanos, Volker Turk, lamentou a destruição e disse estar "horrorizado" com os relatos.

— Dado o clima de impunidade reinante, os investigadores internacionais devem participar do processo [de apuração dos fatos] — defendeu Turk, antecorrendo, pontuando que os hospitais têm "direito à proteção especial nos termos do direito internacional humanitário" e que "o assassinato de civis, detidos e outros que estejam fora de combate é um crime de guerra".

Funcionários da Defesa Civil de Gaza descobriram uma vala comum com 324 corpos esta semana no Complexo Médico Nasser, que fica na cidade de Khan Younis, no sul do território

palestino. Desde a retirada das forças israelenses, em 1º de abril, ao menos 381 cadáveres também foram recuperados nas imediações do complexo al-Shifa, no norte, segundo o porta-voz da Defesa Civil, Mahmoud Basal, acrescentando que o número total não incluía as pessoas enterradas dentro do terreno do hospital.

As vítimas "foram enterradas profundamente no solo e cobertas de luto" e havia idosos, mulheres, crianças e jovens entre os cadáveres, disse Ravina Shamsdani, porta-voz do Alto Comissariado da ONU para os Refugiados. Segundo ela, alguns

foram achados "com as mãos amarradas e sem roupa" e que, para o porta-voz da Defesa Civil, indica que "sofreram tortura e abusos". À CNN, o coronel Yamen Abu Suleiman, diretor da Defesa Civil, disse que alguns tinham sinais de execução e que não era possível determinar se eles foram enterrados vivos ou mortos. Ele pontuou que a maior parte já estava em decomposição, o que dificultou o processo de identificação.

A Defesa Civil estima que ainda haja 2 mil pessoas desaparecidas apenas em Khan Younis.

Com AFP e New York Times